

DA NEGATIVIDADE EM PORTUGUÊS

Sílvio Elia
UFF

A realidade é positiva, o *não* vem depois. Já a primeira frase que se proferiu no primeiro dia da Criação revestia a forma afirmativa positiva. Está no cap. I do *Gênesis*: “Deus disse: *Fiat lux, et lux facta est*” (para ficarmos na versão latina, mais universal). Já Aristóteles, no *Perì hermeneías*, 5, afirma claramente: “A primeira espécie de discurso declarativo é a afirmação; a seguinte, a negação”. Cito pela edição francesa com notas de J. Tricot. E é a nota 2, da p. 84 que passo a transcrever:

apóphansis, lógos apophantikós é a proposição, o discurso declarativo de atribuição em geral; chama-se *prótasis* enquanto premissa de um silogismo (...) e as *Analíticas* o empregam exclusivamente nesse sentido. A proposição afirmativa diz-se *katáfasis* e proposição negativa, *apófasis*.

A afirmação é a *primeira* espécie do discurso declarativo, tendo-se tomado o cuidado de tomar *prótos* no sentido forte, habitual em Ar., de primordial: a afirmação é anterior à negação, como a posse à privação. Cf. *Anal. post.*, I, 25, 86 b 33: *edè kataphatikè tēs apophantikēs protéra kai gnorimotéra; de Coelo*, II, 3, 286 a 25.

E a razão está bem explícita: a negação é privação, é falta. Portanto o que existe é o *ser*; o *não-ser* é a falta do *ser*, por conseguinte o não existente como forma e substância. Não há oposição entre o *ser* e o *não-ser* e sim sempre entre o *ser* e o *ser*. O que separa um ser de outro ser é a diferença, e a diferença antes complementa que opõe. Por isso a diferença não contraria necessariamente, o normal é a aproximação, como se pode constatar até na culinária.

Convém lembrar que Chomsky, na versão original de sua gramática gerativa, exposta em *Syntactic Structures*, 1957, admite uma oração nuclear (*kernel sentence*, idéia tomada a Zellig S. Harris), de forma declarativa, afirmativa, ativa, a que se aplicam transformações obrigatórias ou facultativas (distinção abandonada posteriormente). Assim a interrogação e a negação são transformações. De fato, parece-me que, em todas as línguas conhecidas, é da afirmação positiva que se passa para a negativa.

Como sabemos, os processos de negativização variam de uma língua para outra, embora as divergências não sejam grandes. Cremos que, de maneira geral, podemos agrupá-los em três categorias: prosódicos, gramaticais e lexicais.

O aspecto prosódico é dominado pela entoação. O poder da entoação é muito grande e consegue até transformar o *sim* em *não*.

Roman Jakobson, no artigo publicado, em tradução, sob o título “Linguistique et Poétique”, na coletânea *Essais de Linguistique Générale*, (1963:215), conta-nos que um ator do teatro de Stanislavski, em Moscou, recebeu desse famoso diretor o pedido de que lhe desse quarenta mensagens diferentes da expressão *Segodnya večerom* “Esta noite”, variando-lhe os matices expressivos. O nosso ator fez uma lista de quarenta situações de caráter emotivo e pronunciou a referida expressão adaptando-a às exigências emocionais de cada situação. Quando testadas, a maior parte das mensagens foram descodificadas corretamente por ouvintes moscovitas.

No Brasil, temos uma experiência semelhante. Há uma gravação do grande ator que foi Procópio Ferreira, na qual Procópio emite a expressão “E eu mereço isto” com variadas entoações, cada uma das quais corresponde a um estado de espírito que o ouvinte descodifica corretamente.

Aliás, a questão é antiga e já ocupa lugar saliente na Retórica Clássica. Também figura normalmente nos manuais de Estilística. Em um dos nossos, e dos melhores, a autora, Prof.^a Nilce Sant’ Anna Martins, observa que “É sobretudo a entoação que indica se as nossas palavras estão no seu sentido próprio ou oposto, se estamos sendo sinceros ou irônicos” (1989:60).

Lembro um caso típico do falar brasileiro*, em que o *sim* vale *não* e o *não* vale *sim*. Trata-se das expressões *Pois, não* e *Pois, sim*. A primeira é positiva, apesar do *não*; a segunda pode ser positiva ou negativa.

Busco um exemplo ao conto “Linha reta e linha curva”, pertencente a *Contos Fluminenses* e inserto na *Obra Completa*, de Machado de Assis, em ed. da Aguilar. Eis o trecho:

– Eu me faço explicar, disse o velho tomando um ar risonho. Dê-me o seu braço...

– Pois não!

E os dous seguiram conversando como dous amigos velhos. (II, 1995:133)

Agora um exemplo positivo de *Pois, sim*, também de Machado:

– Antes sábado, emendei.

– Pois sim, concordei. (“Umas férias”, em *Relíquias de Casa Velha*, 1985, II:702)

* O meu ponto de referência é a fala do Rio de Janeiro, o que não exclui a existência do mesmo fato em outras regiões do país; ao contrário, o pressupõe.

E outro de *Pois sim* negativo. Colhi-o em *Angústia*, de Graciliano Ramos:

- O senhor é duro, seu Ramalho, arrisquei.
 - Pois sim, respondeu o homem arquejando por causa da asma.
- É que vivo no toco, roendo um chifre. (1953:51)

Cumpra acrescentar que o Autor esclarece que “seu Ramalho tinha o hábito de obedecer”.

Como distinguir então o *Pois sim* positivo do negativo? Pela entoação. O *Pois sim* positivo é pronunciado com a entoação normal da língua portuguesa; o *Pois sim* negativo se emite num tom mais alto, ou seja, com elevação da voz no final da expressão, o que contraria o ritmo normal de nossa língua.

Júlio Moreira, em seus *Estudos da Língua Portuguesa*, em frases exclamativas, em razão da ironia, nota que o advérbio *bem* assume sentido negativo. Exemplifica: “Bem sabe ele lá dessas coisas!”, “Bem sabe ele lá disso!”. E comenta: “Estas orações equívalem a: não sabe nada dessas coisas, não sabe nada disso” (I, 1922:161).

Há um emprego de *não*, com valor estilístico, em que o advérbio se despe de seu valor negativo e, ao contrário, assume um aspecto positivo de tom salutar. João Ribeiro, em sua *Gramática Portuguesa*, refere-se ao fato nos seguintes termos: “Uso elegantíssimo da negativa é o de exprimir-se por ela um fato desejado e agradável à alma”. E exemplifica: “Que doce não era a vida / No róseo albor da existência” (1923:204). JR não dá a fonte, mas só pode ser Casimiro de Abreu em *Meus oito anos*. Acontece, porém, que Sousa da Silveira, em *Obras de Casimiro de Abreu*, assim transcreve esses versos: “Que doce a vida não era / Nessa risonha manhã!”, que deve ser a versão autêntica, entre outras razões, porque o esquema rimático exige *manhã* para rimar com *irmã*.

Do ponto de vista gramatical, só nos vamos ocupar com as palavras ditas gramaticais: pronomes, advérbios, preposições, conjunções.

Pronomes de sentido negativo, temo-los entre os indefinidos: *ninguém*, *nada*, *nenhum*; de *nehures*, “em nenhum lugar”, não trataremos por se tratar de forma arcaica.

Todos esses três pronomes são de origem latina e em latim são formas compostas de palavras ou pronomes de sentido positivo, o que comprova uma vez mais a precedência da forma positiva. Assim *nemo* “ninguém” é contração de *ne homo*, ou seja, para nós “nenhum homem”; *nihil* “nada” é contração de *ne hilum*, por *neque hilum*; *hīlum* é o ponto negro das favas e portanto é como se disséssemos “nem um pontinho”; *nullus* procede de *ne ullus*; “nenhum”; *ullus* é um diminutivo de *unus*.

Em latim, como se sabe, duas negativas na mesma frase se destroem, isto é, passam a valer por uma afirmação, parcial ou geral. Assim, do pronome *nullus* pode-se formar *nonnullus*, que passa a significar “algum”; mas, se a negativa se refere ao predicado, então a afirmação passa a ter caráter de generalidade, como nisto de Sêneca: *nulli non ad nocendum satis virium est* “para prejudicar há sempre em todos alguma disposição” (Sên, *Ep.*, 105).

No latim vulgar, a negativa passa a receber reforço. Esse fato é normal nas diferentes línguas e já ocorria no próprio latim literário.

A esse propósito, observa muito bem o saudoso mestre, Prof. Teodoro Henrique Maurer Jr., em sua *Gramática do Latim Vulgar*:

O uso da dupla negação com valor intensivo é notável, quando nos lembramos de que na língua literária duas negações se anulam. Para explicar o uso vulgar temos de partir, portanto, não do uso clássico, mas de uma tradição sintática independente. (1959:212).

E, adiante, insiste: o caráter vulgar desta construção é confirmado pelo uso panromânico da mesma”. Eis alguns exemplos: *Nimic nu* e mai pretios decât sănătatea (rom.) “Nada é mais precioso do que a saúde”; *non* hai concluso *nulla* (it.) “não terminei nada”; je *ne* vois *pas* la lune “não vejo a lua” (fr.); *no* veo a *nadie* (esp.) “não vejo ninguém”; *não* vejo *nada* (ptg.).

Em nossa língua, nenhum dos pronomes indefinidos negativos procede diretamente das formas latinas correspondentes; continuou o processo de criar nova forma, negando a forma positiva. Assim *ninguém* não provém de *nemo* e sim **ne* (por *nec*) *quem*. Da mesma forma, em outras línguas românicas: esp. *ninguno*, de *nec unu*; fr. *personne* (< *persona*) faz-se acompanhar da negativa *ne*, o mesmo com *aucun* (de *alicunu*, redução de *aliquem unum*); esp. *nadie*, de uma forma arcaica *nadi*, que uns fazem provir de *nati*, pl. de *natus*, outros de analogia com *otri* (< *alteri* “outros”), forma também arcaica, havendo sido acrescentado o *-e*, por analogia com *ese*, *este*, segundo Pidal; rom. *niciun*, de *nec* (< *neque unu*, com a forma masc. *niciunul* e fem. *niciuna*; it. *nessuno*, de *nec ipsu unu*).

Essa dupla negativa com valor positivo é, portanto, panromânica. Contudo, no português moderno, as duas negativas não devem anteceder o verbo. Sobre o quesito, ouçamos a Said Ali:

Entende a gente de letras, pelo contrário, que negar o negado equívale a afirmar; mas abre exceção – (...) – desde que o novo termo negativo não anteceda o advérbio *não*. Segundo essa doutrina, aceita na linguagem literária do port. mod. é lícito dizer: “Na feitoria não havia nem um só prego” (seguem-se outros exemplos).

E logo abaixo:

Diferentemente de nós, e de acordo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até tríplice, com efeito reforçativo. (*Lex.*, 1921:188).

Said Ali dá a seguir alguns exemplos, de que selecionaremos apenas dois: “*Nem doo nom avedes de mi*” (*Aj.* 218), “*Nenhum nom lhe soube dizer*” (*Zur., C.P.*, 237).

Esse uso, como se sabe, é muito próprio da fala popular brasileira, principalmente a interiorana. De Amadeu Amaral, p. ex., em seu já clássico *O dialeto caipira* é esta afirmação:

O emprego de duas negativas – ninguém não, sem não, etc., assim contíguas, – vulgar na sintaxe portuguesa quinhentista, mas hoje desusado na língua popular de Portugal, e na língua culta tanto lá como cá, – é obrigatório no falar caipira: *Nem eu num disse – Ninguém num viu – Nenhum num fica.* (1920: 65)

Desse depoimento da parte sul do país passemos ao hemisfério norte e demos a palavra a Mário Marroquim, autor de *A Língua do Nordeste*. Aludindo ao que chama de “reforço da negativa”, nota que essa necessidade “faz-se sentir igualmente depois de outra palavra de valor negativo”. E dá de José Lins do Rego este exemplo extraído de *Menino de Engenho*: “Ninguém não vê nem um pé de cana” (1934:198). Tendo em vista que, no português arcaico, encontra-se construção similar, poder-se-ia aventar a hipótese de que se trata da conservação de um arcaísmo, já que, como é notório, encontram-se fatos similares nos falares brasileiros, em particular da zona rural? Ou, por outro lado, tratar-se-ia de um desenvolvimento autônomo do português do Brasil? Não é fácil responder. No entanto, Mário Marroquim foi peremptório: “Não se deve procurar na negativa dialetal influência da língua arcaica. É um fenômeno surgido dentro do quadro da nossa própria evolução lingüística” (op. cit.: 200).

Quod erat demonstrandum.

Outro advérbio que exprime negação no português do Brasil, e de maneira enfática, é *absolutamente*. Ocorre em frase como: “Creio que devemos vender a fábrica. Estás de acordo?” – “Absolutamente”. Entenda-se: “De forma alguma”. Contudo podia-se também entender em sentido positivo, e é com esse valor que o advérbio é usado em Portugal.

Preposições

Costumam ser divididas em essenciais e acidentais. Das essenciais, a mais importante, de sentido negativo é *sem*, à qual podemos juntar a preposição *contra*.

Sem é de uso muito freqüente e ocorre seguido de substantivo (caiu sem vida), com infinitivos (saiu sem dizer palavra), de oração integrante (saiu sem que dissesse palavra) e até como prefixo (sensabor). Por não ter concorrente, está sempre à mão para novas formações. Hoje, p. ex., fala-se e escreve-se muito a respeito de invasões de propriedades rurais, pelos *sem terra*. Não podemos deixar de exprimir a nossa estranheza ante o fato, pois o Brasil é um país de grande extensão territorial, onde talvez ainda haja terras por descobrir. Ainda recentemente, no capítulo relativo à demarcação das terras indígenas, houve tribo de algumas dezenas de milhares de almas que recebeu extensão de terra capaz de abrigar um estado da Federação brasileira. Por outro lado, temos recebido imigrantes que se instalaram em nosso território, onde hoje são proprietários rurais cultivadores de produtos agrícolas, que lhes permitem viver digna e folgadoamente. Penso, pois, que o problema seria mais bem encaminhado dentro da lei e do espírito democrático. Do contrário estaríamos no prelúdio da emergência dos *sem teto* (e aqui retorna a nossa preposição), com a conseqüente invasão urbana de residências particulares. Vejam até onde pode levar-nos a negatividade de uma preposição! Aliás, é grande a produtividade da preposição *sem*; em muitos casos, a sua junção a um substantivo praticamente equívale à formação de um termo novo. É o que se dá, p. ex., em *sem fim* (infinitivo), *sem cor* (incolor), *sem fé* (infiel), *sem dor* (indolor), *sem barba* (imberbe), etc. Nesses casos, a palavra equivalente foi formada com o prefixo latino *in*; mas também pode ocorrer o prefixo grego *a(n)*. Ex.: *sem pátria* (apátrida), *sem deus* (ateu), *sem moral* (amoral), *sem política* (apolítico), etc. Ocasionalmente pode aparecer o prefixo *des-*, mas temos de reconhecer que é um tanto inadequado, pois o prefixo *des-* se refere a ação, ao passo que os prefixos *in-* e *a(n)-* exprimem estado. É, p. ex., o caso de *descamisado*, que se deve entender ao pé da letra como “sem camisa”, mas que passa a significar “que tirou a camisa”. Pode mesmo acontecer que o vocábulo preposição se torne um morfema prefixo. Já vimos o caso de *sensabor*. A solução do *Pequeno Vocabulário Ortográfico* ainda em vigor é considerar tais casos como palavras compostas e usar então a preposição unida ao substantivo por meio de um hífen. Registra o PVOLP como formas vocabulares: *sem-família*, *sem-fim*, *sem-justiça*, *sem-luz*, *sem-nome*, *sem-número*, *sem-par*, *sem-partido*, *sem-pátria*, *sem-pudor*, *sem-razão*, *sem-sal*, *sem-segundo*, *sem-termo*, *sem-ventura*, *sem-vergonha*, *sem-cerimônia*. *Sem dúvida* (não consta da relação), teríamos ainda de acrescentar *sem-terra* e *sem-teto*.

Outra preposição de valor negativo é *contra*. Possui, porém, um traço sêmico que a distingue de *sem*. Esta é negativa, acrescida do traço sêmico de *privação*, ao passo que *contra* é negativa mais o traço sêmico de *oposição*. A preposição *contra* é muito usada na formação de compostos. De acordo com o vocabulário ortográfico em vigor, terá de unir-se por hífen à palavra a que se associa quando esta começar por vogal, *h*, *r* ou *s*. Nos demais casos, há simples justaposição. A preposição correspondente de origem grega, *anti*, é muito produtiva e pode aparecer unida a palavras de qualquer outra origem. Assim, em *antítese*, *antipatia*, *antigramatical*, *antibiótico*, todos os radicais são de origem grega. O mesmo já não ocorre em muitas outras palavras, todas elas neologismos: *anticomunista*, *antinazista*, *antinatural*, *antipopular*. São estes os chamados hibridismos.

Conjunções

Conjunção de sentido negativo só temos a aditiva *nem*, equivalente a *e não*. A sua origem, como se sabe, está no latim *nec*. Não há conjunção subordinativa negativa. Existia em latim *ne*, que podia ter valor integrante ou final. Mas não se conservou entre as línguas românicas.

Adendo

Falamos a propósito de *sem* e *contra* do prefixo *des*. O sentido próprio do prefixo, quando ligado a tema verbal, é o de prática de ação contrária à do sentido do verbo primitivo. É o que se dá em *desfazer*, *despregar*, *desautorizar*, etc. Em tal sentido tornou-se muito freqüente em nossos tempos, como sinal de um estado de espírito das novas gerações. Não era, nem é simplesmente o propósito de “contestar”, o que é próprio das novas gerações na sua tendência para opor-se às gerações anteriores. Trata-se de algo mais grave, ou seja, da preocupação de negar, de ir do pensamento à ação, de *desfazer*, enfim. Cumpre *desmistificar* e *desmitificar*, *desinibir*, *desrecalcar*, *desestruturar*, *desconstruir*, e outros *des*. Com esta última palavra, aproximamo-nos do desconstrutivismo, de Jacques Derrida.

Derrida começa por contestar a forma pela qual a Filosofia se tem realizado, ou seja, uma “metafísica da presença”. E aqui já tem início o avocar a prioridade da *ausência*. Em seu livro sobre a *Desconstrução*, Jonathan Culler diz o seguinte:

Uma desconstrução incluiria a demonstração de que para que a presença operasse tal como se afirma, há de possuir as qualidades que supostamente pertencem a seu oposto, a ausência. Assim, em lugar de definir a ausência

em termos de presença, como sua negação, podemos tratar a presença como efeito de uma ausência generalizada ou, como (...) de *différance*. (1984:87-88)

Esse desfazimento, esse desestruturar, que talvez não passe de outra coisa senão o “avesso do mundo”, não seria o prelúdio do caos? E essa interpretação do mundo como *caos* e não como *cosmos* não seria talvez o signo do que se vem chamando pós-modernidade? Registraremos estas palavras de Ihab Hassan, em seu artigo “Toward a concept of Postmodernism”, inserto na coletânea *A Postmodern Reader* (da qual Derrida é um dos colaboradores) assim se manifestou:

O Pós-Modernismo volta-se para todas essas coisas que implicam um movimento diferente, senão antitético, na direção de procedimentos penetrantes, ações ubíquas, códigos imanentes, média, línguas. (1993:283)

Eis aí. Se não quisermos ter de andar de cabeça para baixo, o jeito é voltar correndo para Aristóteles.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Amadeu (1920). *O Dialecto Caipira*, São Paulo, Casa Editora O Livro.
- ARISTÓTELES (1984). *Organon*, Paris, J. Vrin, nova tradução e notas por J. Tricot.
- ASSIS, Machado de (1985). *Obra completa II*, org. de Afr. Coutinho, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- CHOMSKY, Noam (1957). *Syntactic Structures*, The Hague, Mouton.
- CULLER, Jonathan (1976). *Saussure*, Glasgow, Fontana / Collins.
- HASSAN, Ihab (1993). Toward a concept of Postmodernism. *A Postmodernism Reader*, State University Press.
- JAKOBSON, Roman (1963). *Linguistique et Poétique, Essais de Linguistique Générale*, Paris, Minuit.
- MARROQUIM, Mário (1934). *A Língua do Nordeste* (Alagoas e Pernambuco), São Paulo, Editora Nacional.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna (1989). *Introdução à Estilística*, São Paulo, T.A. Queiroz.
- MAURER Jr., Th. Henrique (1959). *Gramática do Latim Vulgar*, Rio de Janeiro, Acadêmica.
- MOREIRA, Júlio (1922). *Estudos de Língua Portuguesa*, primeira serie, 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora.

- RAMOS, Graciliano (1963). *Angústia*, 6.^a ed., Rio de Janeiro, José Olympio.
- REGO, José Lins do (1972). *Menino de Engenho*, 17.^a ed., Rio de Janeiro, José Olympio.
- RIBEIRO, João (1923). *Grammatica Portugueza*, curso superior, 20.^a ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- SAID ALI, M. (1921). *Lexeologia do Portuguez Historico*, São Paulo, Melhoramentos.
- SÊNECA (1962). *Lettres à Lucilius* (livres XIV-XVIII), ep. 105, Paris, Les Belles Lettres.
- SILVEIRA, Sousa da (1960). *Lições de Português*, 6.^a ed. melhorada, Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

(Comunicação apresentada à 1.^a Semana de Estudos Portugueses, realizada no Liceu Literário Português, de 24 a 27 de outubro de 1995)
